



Esta obra está sob o direito de
Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO PARA A FORMAÇÃO DO TRABALHADOR CONTEMPORÂNEO

Jucilene Antero da Rocha Santos¹

Maria das Graças da Silva²

Ivaci Bonfim Pinheiro³

Maria Edleuza da Paz⁴

Alessandra Porfírio da Silva⁵

Luciano Canuto Jacinto⁶

Joselito Araújo Silva⁷

RESUMO

O presente trabalho objetiva discutir a importância do letramento para a formação do trabalhador contemporâneo. Para tanto se fez necessário conhecer o conceito de letramento, compreender as diferenças entre o mesmo e a alfabetização, além de saber o que é letramento digital e identificar as contribuições do letramento para atuação no mercado de trabalho. A pesquisa foi realizada mediante o método qualitativo, e se efetivou através de estudo bibliográfico, tendo por base autores que tratam da temática em questão. Com a pesquisa foi possível perceber que o letramento, incluindo o letramento digital, se constitui de fundamental importância para a formação do trabalhador na realidade contemporânea, uma vez que o mercado de trabalho requisita um trabalhador polivalente, capaz de pensar e resolver problemas, e para isto a compreensão dos diferentes textos que são utilizados na sociedade é essencial. Assim, é preciso que a educação conceba o letramento na formação dos indivíduos, uma vez que estes irão viver e trabalhar em um mundo cheio de textos de diferentes tipos e é preciso que sejam capazes de ler e escrever com autonomia.

Palavras-chave: Letramento. Letramento. Digital. Mercado de Trabalho

RESUMEN

En el presente trabajo se analiza la importancia de la alfabetización para la formación del trabajador moderno. Por lo tanto era necesario conocer el concepto de alfabetización, la comprensión de las diferencias entre éste y la alfabetización, y saber lo que la alfabetización digital e identificar las contribuciones de alfabetización para el desempeño en el mercado laboral. La encuesta se realizó por el método cualitativo, y se llevó a cabo a través del estudio

¹ Jucilene-antero@hotmail.com

² gracahej@hotmail.com

³ ivaci18@outlook.com

⁴ mariaedleuza.leu@gmail.com

⁵ alessandraPorfírio203@gmail.com

⁶ lucianocanutojacinto11@gmail.com

⁷ joselitoaraujo947@gmail.com

bibliográfico, basado en autores que tratan el tema en cuestión. A través de la investigación, se reveló que la alfabetización, incluida la alfabetización digital, es crucial para la formación de los trabajadores en la realidad contemporánea, ya que el mercado de trabajo espera que un trabajador polivalente, capaz de pensar y resolver problemas, y para esta comprensión de los diferentes textos se utilizan en la sociedad es esencial. Por lo tanto, tenemos que idear la alfabetización en la formación de las personas, ya que se viven y trabajan en un mundo lleno de textos de diferentes tipos y deben ser capaces de leer y escribir de forma independiente.

Palabras clave: Alfabetización. La alfabetización digital. Mercado Laboral.

Submetido em julho de 2020 e aceito em setembro de 2020.

INTRODUÇÃO

Este trabalho traz uma pequena discussão com relação à importância do letramento para a formação do trabalhador na contemporaneidade. Neste sentido, a pesquisa realizada objetivou compreender a importância do letramento para a formação do trabalhador contemporâneo, para tanto foi preciso conhecer o conceito de letramento, compreender as diferenças entre este conceito e o significado de alfabetização, saber o que é letramento digital, e identificar as contribuições do letramento para atuação no mercado de trabalho.

Partiu-se do pressuposto de que, para formação do trabalhador polivalente demandado pelo mercado de trabalho contemporâneo é necessário que seja dada ênfase a práticas de letramento. A pesquisa empreendida de cunho qualitativo, através de estudo

bibliográfico, tendo por base autores que tratam da temática em questão, buscou a partir de uma abordagem do contexto histórico atual compreender o fenômeno social estudado, qual seja, o letramento na formação do trabalhador na realidade contemporânea.

Para melhor expor os resultados da pesquisa este texto se estrutura em duas seções ambas com subdivisões. A primeira seção traz o conceito de letramento, a mesma apresenta duas subdivisões, uma com relação às diferenças entre alfabetização e letramento e a outra que aborda o letramento digital; A segunda seção Trata do perfil do trabalhador demandado pelo mercado de trabalho e traz uma subdivisão sobre as contribuições do letramento para a atuação deste trabalhador no mercado de trabalho.

MÉTODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura tradicional, não sistemática, descritiva, de natureza qualitativa, com análise de

conteúdo de livros e documentos adquiridos em bibliotecas físicas e virtuais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conceituando letramento

Trataremos neste texto da importância do letramento para a formação do trabalhador contemporâneo, para tanto, inicialmente lançaremos mão do conceito teórico que vem sendo construído por Magda Soares (2009) que discute a temática do letramento, este é um conceito recente, porém muito interessante e que vem sendo abordado na área da educação e da linguística, a partir da segunda metade da década de 1980.

O termo letramento surge, com o sentido que se atribui a ele atualmente, de acordo com Soares (2009) a partir de um livro de Mary Kato, de 1986 (No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística, Editora Ática), em 1988 Leda Verdiani Tfouni (em seu livro “Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso”, Editora Pontes), distingue alfabetização e letramento, o que se considera como o possível momento em que o letramento passa a ser um termo técnico da Educação e das Ciências Linguísticas.

Para Pereira (s.n.t.) “O conceito de letramento surgiu devido à necessidade de uma palavra que nomeasse as práticas de leitura e escrita, de acordo com o contexto social em que

vivia o cidadão”. Conforme Soares (2009) a palavra letramento surge a partir da tradução da palavra inglês literacy que:

(...) é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la. (SOARES, 2009, p. 17)

Assim, o letramento pode ser considerado como “o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita.” (SOARES, 2009, p. 18). Apesar de ser contrário ao significado de analfabetismo, que é a condição de quem não sabe ler nem escrever, o termo letramento passou a substituir a palavra alfabetismo, que significa estado ou qualidade de alfabetizado. Contudo como nos adverte Soares (2009), a palavra analfabeto já vem sendo a muito tempo utilizada em nosso país. Porque então só a pouco tempo é que seu contrário passou a existir? Vejamos.

Uma palavra só tem sentido de existir se há a sua necessidade para dar nome a algo existente em determinado tempo histórico, tanto é que se diz que a palavra é viva, pois ela existe de acordo

com as necessidades históricas do ser humano para dar nomes às coisas ou fenômenos. A palavra letramento somente passou a ter sentido a partir da necessidade de nomearmos o “estado ou condição de quem sabe ler e escrever, isto é, o estado ou condição de quem responde adequadamente às intensas demandas sociais pelo uso amplo e diferenciado da leitura e da escrita” (SOARES 2009, p. 20). Fenômeno este que, só recentemente passou a ser uma realidade em nosso contexto histórico e social.

Por isto, conforme observa Soares (2009) o termo letramento vem sendo utilizado em detrimento do termo alfabetismo, uma vez que alfabetismo designa apenas a capacidade de ler e escrever, enquanto letramento vai além do saber ler e escrever, ele abrange a necessidade de também saber fazer uso da leitura e da escrita, respondendo as exigências postas pela sociedade. Uma vez que a preocupação atual não é mais com a condição de analfabeto visto que este problema já não tem mais a dimensão que tinha décadas atrás, o que está em pauta atualmente é a condição de letramento, ou seja, o número de pessoas alfabetizadas é a cada dia maior, porém é preciso observar se estas pessoas conseguem fazer uso da leitura e da escrita socialmente. Esta mudança na

maneira de conceber o significado do acesso à leitura e à escrita em nosso país que levou ao aparecimento do termo letramento, de acordo com Soares (2009), foi a questão da modificação do critério do Censo para verifica o número de analfabetos e alfabetizados, pois durante muito tempo era considerado analfabeto quem não soubesse escrever seu nome, e nas últimas décadas para ser alfabetizado é necessário que o indivíduo saiba ler e escrever um bilhete simples, dando-se a entender que para ser alfabetizado o indivíduo necessita saber utilizar da leitura e da escrita na sociedade.

Soares (2009) nos faz refletir ainda sobre dois aspectos do letramento que considera importante para compreensão do termo, quais sejam: primeiro com relação aos índices dos países desenvolvidos como Estados Unidos e França, que na verdade se referem a letramento (iliteracy ou illetterisme), e não ao número de pessoas que não sabem ler como no Brasil, uma vez que nestes países a taxa de analfabetismo chega a ser quase nula. Depois, a autora nos remete ao fato de que, “um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser analfabeto, mas ser, de certa forma, letrado (atribuindo a este adjetivo o sentido de letramento)” (SOARES, 2009, p. 24). Pois, o fato de

fazer uso da escrita e envolver-se em práticas de leitura e escrita, mesmo sendo mediado por outras pessoas alfabetizadas, este indivíduo pode ser considerado de certa forma letrado.

Para Magda Soraes (2009) é preciso que haja condições para que o letramento realmente seja uma realidade na vida das pessoas, dentre as quais cita duas que são: a escolarização real e a efetiva alfabetização da população e, disponibilidade de material de leitura. Pois, para que as pessoas sejam realmente letradas é necessário que tenham acesso à educação escolar, considerando que a escola é a instituição por excelência, responsável por alfabetizar e letrar as pessoas, porém, é necessário que as pessoas após alfabetizadas pela escola tenham acesso à leitura e à escrita de forma fácil. É preciso criar condições para que estas pessoas vivam em ambientes letrados, de maneira que a leitura e a escrita se tornem para elas uma necessidade e uma forma de lazer.

Diferenças entre alfabetização e letramento

Alfabetizar e Letrar são termos que designam duas ações consideradas por Soares (2009, p. 47) “distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo

que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado.” Deste modo a autora considera que um indivíduo alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever, enquanto o indivíduo letrado é aquele que além de saber ler e escrever utiliza socialmente e de forma adequada a leitura e a escrita.

Santos e Albuquerque (2007, p. 97-8), defendem a prática do alfabetizar letrando que definem como sendo a ação de “levar os alunos a apropriarem-se do sistema alfabético ao mesmo tempo em que desenvolvem a capacidade de fazer uso da leitura e da escrita de forma competente e autônoma, tendo como referência práticas autênticas de uso dos diversos tipos de material escrito presentes na sociedade.” De maneira que, o aluno tenha acesso a textos e a situações em que estes são utilizados na sociedade, e ao mesmo tempo em que seja levado a construir a compreensão de como funciona o sistema de escrita alfabético.

De acordo com Albuquerque (2007), esta prática de alfabetizar letrando ganhou ênfase a partir da década de 1980, momento em que o ensino da leitura e da escrita realizado com apoio de material pedagógico que priorizava a memorização de sílabas e/ou palavras e/ou frases soltas passou a ser criticado. Até então “Ensinar a ler, na perspectiva

dos métodos sintéticos – alfabéticos, silábicos ou fônicos – era ensinar a “decodificar”, ou seja, traduzir em sons as letras, ou sílabas que formavam as palavras, frases e textos.” (ALBUQUERQUE, MORAIS e FERREIRA, 2010, p. 17).

Tais mudanças de perspectiva e consequentemente dos métodos de alfabetização foram acompanhadas, de acordo com Albuquerque (2007), por estudos sobre a psicogênese da língua escrita, realizados no campo da Psicologia por Emília Ferreiro e Ana Teberosky em 1984, em que romperam com a concepção de língua escrita como código que se aprenderia com atividades de memorização, e defenderam uma concepção de língua escrita como um sistema de notação que no nosso caso é alfabético, e constataram que para aprender este sistema o indivíduo passa por diferentes fases que vão da escrita pré-silábica em que o mesmo ainda não compreende que a escrita representa os segmentos sonoros das palavras, até as fases silábica e alfabética.

Neste sentido, como nos esclarece Albuquerque (2007), no processo de alfabetização os alunos precisariam compreender como o sistema de escrita alfabético funciona, o que significa que precisam descobrir que, o que se escreve são os sons das partes

orais das palavras, e para isto é preciso considerar os segmentos sonoros que são as sílabas. De maneira tal que, a aprendizagem se daria a partir da compreensão dos usos e funções da língua escrita e não a partir da leitura dos textos das tradicionais cartilhas.

Contudo como defende Santos (2007), a alfabetização e o letramento eram trabalhados juntos antes da institucionalização da escola, uma vez que as pessoas eram alfabetizadas de modo informal em seu ambiente familiar ou no trabalho, através da aprendizagem da escrita como ela era utilizada na sociedade. Porém, quando se instituiu a escola como responsável pela alfabetização, somente os que detinham o saber escolar eram considerados letrados, pois dominavam o saber da leitura e da escrita requerido pela escola. A partir da escolarização formal era considerado alfabetizado de verdade apenas quem passasse pela escola.

Para Santos (2007, p. 29)

Uma das primeiras conseqüências dessa relação que passa a se estabelecer entre a alfabetização e a escolarização foi a instituição de um processo de alfabetização distanciado dos usos e do material de leitura e de escrita presentes no cotidiano das pessoas. O que passa a ser ensinado mediante a alfabetização escolarizada não faz parte de uma cultura letrada local, uma vez que um ensino que se quer

universal necessita de um saber padronizado e sistematizado.

A partir da instituição da escola o processo de ensino da leitura e da escrita passou a utilizar textos escritos especificamente para uso na escola, de maneira que, como afirma Santos (2007, idem), “o letramento como prática social de leitura e escrita do cotidiano passa a ser substituído por um letramento eminentemente escolar. Este último, marcado por uma interlocução artificial, separa o processo de aprendizagem da língua escrita das reais situações de interlocução.” Processo este que trata da linguagem escrita como algo meramente abstrato, desconsiderando os usos que dela se faz na sociedade.

Para Albuquerque (2007), mesmo que a escola seja responsável por promover oficialmente o letramento nas sociedades contemporâneas, pesquisas apontam exatamente esta contradição, em que as práticas de letramento da escola são diferentes das práticas de letramento da sociedade, de forma que os alunos saem da escola dominando habilidades de „codificação“ e „decodificação“ mas não são capazes de ler e escrever funcionalmente textos diferentes e em situações sociais distintas, assim, conforme a autora, o letramento escolar não seria adequado às expectativas e ao desenvolvimento

socioeconômico-cultural de nossa sociedade.

Porém como nos adverte Santos (2007, p. 33) “não se pode negar o papel que a escola exerce hoje em nossa sociedade e que, para muitos indivíduos, ela seja, talvez, o único meio de acesso à aprendizagem sistemática da escrita.”. Por isto a escola é tão importante para a formação dos indivíduos atualmente, pois ela é, para muitos, a única porta para o acesso ao mundo da leitura e da escrita, que é considerado tão importante para o pleno exercício da cidadania em nossa sociedade.

A este respeito Santos e Albuquerque (2007) nos lembram que se os alunos vêm de um meio social em que a interação com materiais escritos é escassa, e a escola tem o papel de oportunizar este contato, sem esquecer, é claro, de lhes possibilitar também atividades em que possa construir conhecimentos com relação ao sistema alfabético de escrita, ou seja promover a alfabetização e o letramento ao mesmo tempo. Para Albuquerque (2007, p. 21) “Como cabe escola garantir a formação de cidadãos letrados, resta-nos construir estratégias de ensino que permitam alcançar aquela meta: alfabetizar letrando.”.

De acordo com Albuquerque, Morais e Ferreira (2010, p. 22),

“Com a difusão do conceito de letramento e da perspectiva de que é preciso expor o aprendiz ao mundo dos textos alguns educadores (e pesquisadores) passaram, infelizmente a achar que os alunos se alfabetizariam „espontaneamente “”.

O que hoje se percebe que é um grande equívoco, pois para que o aprendiz seja alfabetizado precisa conhecer o funcionamento do sistema de escrita alfabético, porém, neste mesmo processo de aprendizagem devem ser-lhe apresentados os textos que são utilizados na sociedade em que ele vive e na qual irá atuar como leitor e escritor.

Com relação ao conceito de letramento, concluiremos com a formulação de Grandó (2012, p. 16) de que,

(...) letramento é o à alfabetização. A escola é uma agência de letramento que promove o letramento produto da aprendizagem dos usos da escrita e da leitura e não está necessariamente atrelado escolar, que se diferencia do letramento social. Para alguém tornar-se letrado é necessário que viva em um contexto rico em situações que exijam e estimulem a leitura e a escrita.

O letramento digital

Ao abordarmos a questão do letramento e mais especificamente da importância deste para a formação do trabalhador contemporâneo há que se

considerar “o fato de ser possível falar não em letramento, num sentido absoluto do termo, mas em letramentos, no plural, como a indicar os vários desdobramentos que a primeira noção, aqui explicitada, pode adquirir”. (PEREIRA, s.n.t.). Deste modo, dentre os vários tipos de letramentos possíveis na realidade atual para a formação dos trabalhadores escolhemos um, que é a tônica da atual sociedade da informação, que é o letramento digital.

Para Finger-Kratochvil (2009), o letramento é um processo que pode se iniciar antes mesmo de chegarmos à escola, porém para a maioria das pessoas este processo se desenvolve na escola e tem sua continuidade ao exercermos habilidades de leitura e escrita de acordo com as exigências na esfera doméstica, social, pessoal ou no trabalho. Para a autora, como nossa sociedade é cada vez mais grafocêntrica dominar as competências do letramento é sinônimo de inclusão social. Além disso, é preciso atentar para o fato de que o letramento digital é uma necessidade da sociedade atual, pois as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) estão a cada dia mais avançadas e mais presentes em todos os setores da sociedade, inclusive no trabalho.

O letramento digital é cada vez mais necessário, uma vez que “O

ambiente rico e complexo oferecido pela Internet, por exemplo, requer cada dia mais um indivíduo capaz de julgar o que é relevante, como a informação pode lhe ser importante, e quando e por que lhe será útil.” (FINGER-KRATOCHVL, 2009, p. 218). Neste sentido, o letramento digital, considerado um letramento novo, é deveras importante para atuação na sociedade contemporânea. Contudo, como aponta Finger-Kratochvil (2009), para que se adquiram as competências do letramento digital é preciso que o indivíduo domine as habilidades do letramento impresso, uma vez que, a capacidade de ler e escrever de forma autônoma é fundamental para utilizarmos eficientemente as TIC.

Para Xavier (2007), o letramento digital surge devido ao aumento da utilização de ferramentas tecnológicas como o computador, a internet, cartão magnético e caixa eletrônico, que impôs mudanças na vida social e tem exigido uma aprendizagem de comportamentos e raciocínios específicos. “Ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os

textos digitais é a tela, também digital.” (XAVIER, 2007, p.135).

Este autor também defende que o letramento alfabético serve de apoio para a aprendizagem do letramento digital. E faz algumas sugestões de como deixar de ser um analfabeto digital. Segundo ele, não é preciso ser expert em computação, mas é preciso no mínimo entender como funciona os sistemas de navegação da internet, saber “buscar” informações na rede digital, utilizar com eficiência os mecanismos de busca em sites e assim poder transformar estas informações em conhecimento.

O letramento digital conforme nos informa Xavier (2007), traz um leque de possibilidades de comunicação que apenas se tornaram possíveis com as inovações tecnológicas computacionais, como o Batepapo (chat) para conversas simultâneas, os fóruns eletrônicos (e-foruns), para discussão de temas, o correio eletrônico (e-mail) para o envio de mensagens. Portanto, o letramento digital se constitui uma necessidade para a formação do trabalhador, uma vez que estas tecnologias também adentraram os espaços de trabalho, além de ser utilizado nas mais variadas situações da vida social, é imprescindível que o trabalhador tenha acesso a tais conhecimentos para poder competir e se manter no atual mercado de trabalho,

haja vista as exigências feitas aos mesmos.

Trabalhador demandado pelo mercado de trabalho

Considerando-se que a educação na sociedade capitalista objetiva, acima de tudo, formar a força de trabalho de que necessita o mercado de trabalho, para compreendermos a importância do letramento para a formação do trabalhador contemporâneo é preciso que saibamos que perfil de trabalhador o mercado de trabalho está requisitando.

Vivemos nas últimas décadas o processo de reestruturação produtiva, que conforme Alves (2000) estabeleceu um novo controle do trabalho em articulação com a superexploração do trabalho, que se mantém e se potencializa com o desenvolvimento do toyotismo³ e a introdução de tecnologias microeletrônicas na produção. De maneira que, pode-se afirmar que a revolução tecnológica e informacional vivida nas últimas décadas contribuiu bastante para as mudanças ocorridas no mundo do trabalho.

A reestruturação produtiva atingiu o mundo do trabalho e instaurou o que consiste, conforme Alves (2000, p. 252), em “um novo tipo de regulação do trabalho, baseada na flexibilização do contrato de trabalho”. Essa flexibilização

pressupõe que os contratos trabalhistas são cada vez mais instáveis, temporários, enfim, perdeu-se a segurança e estabilidade no emprego, emergindo a necessidade de uma formação com ênfase na empregabilidade.

A partir de então vem se propagando a ideia de que “mediante as diferentes modalidades deste tipo de formação, todos se tornarão empregáveis” (PINO, 2002, p.79). Desvia-se desta forma a responsabilidade para o indivíduo, pois os desempregados é quem devem procurar se requalificar para se tornarem empregáveis. Pino (2002, p. 80) menciona que: “O discurso da empregabilidade afirma que a requalificação pode gerar as condições de chegar ao emprego”.

Porém, como no capitalismo não é possível a geração de empregos para todos, estes cursos de qualificação/requalificação não geram empregos, o que eles geram é empregabilidade, como prometem, pois no entender de Pino (2002) empregabilidade trata-se de estar pronto para trocar constantemente de trabalho, é ser realmente polivalente, ter um leque de capacidades laborais para conseguir arranjar emprego, uma vez que o mercado de trabalho oscila constantemente.

Mediante todo este processo de mudanças no mercado de trabalho, o mesmo “necessita cada vez menos de trabalho estável e cada vez mais de trabalho parcial (terceirizado, precarizado)” (ANTUNES, 2005, p. 27), por isto o trabalhador deve estar cada vez mais capacitado e com habilidades múltiplas para poder concorrer às escassas vagas oferecidas pelo mercado de trabalho. Para caracterizar esta realidade perversa do atual mercado de trabalho Antunes (2005, p. 32) postula que:

Criou-se de um lado em escala minoritária o trabalhador „polivalente e multifuncional “da era informacional, capaz de operar máquinas com controle numérico e de por vezes exercitar com mais intensidade sua dimensão mais „intelectual “(sempre entre aspas). E, de outro lado, há uma massa de trabalhadores precarizados, sem qualificação [ou mesmo qualificados], que hoje está presenciando as formas de *part-time*, emprego temporário, parcial, precarizado ou mesmo vivenciando o desemprego estrutural.

Assim, percebe-se que, com a revolução informacional vivenciada nas últimas décadas, o modelo produtivo passou a incorporar ciência e tecnologia avançada na produção, ao tempo que começou a exigir do trabalhador uma formação que lhe possibilitasse aprender a pensar e a resolver problemas. Este trabalhador também deve

ser polivalente, ou seja, deve ter capacitações e habilidades para realizar tarefas diversas e assim poder ser empregável, ou seja, que possa transitar de um emprego a outro sem grandes dificuldades de adaptação, uma vez que o mercado de trabalho é instável.

Contribuições do letramento para atuação no mercado de trabalho

Diante da atual realidade do mercado de trabalho, com as exigências de um trabalhador capacitado a ser polivalente, e do fenômeno do desemprego estrutural, entende-se que o trabalhador deve ter uma formação que o leve a construir seus conhecimentos e aprender a aprender, pois a cada dia o mercado de trabalho apresenta novas exigências ao trabalhador, principalmente com os avanços tecnológicos que vem ocorrendo nas últimas décadas.

Para Gasque (2012, p. 25) “O novo mundo exige mudanças na forma de pensar e agir. A formação profissional de qualidade torna-se crucial para o pretendido desenvolvimento da “sociedade”, assim, cabe à escola contribuir para formar indivíduos que sejam capazes de atuar em um mundo instável, complexo e em transformação. Conforme esta autora com a facilidade do acesso à tecnologia, as pessoas

passaram a ter oportunidade de aprender fora da escola através da interação com outras pessoas e com a mídia. Contudo, o papel da escola é muito relevante para a construção de conhecimentos, uma vez que, é preciso saber selecionar as informações encontradas para assim construir um conhecimento com bases científicas.

Para tanto, o letramento se constitui uma necessidade, bem como o letramento digital, que proporciona mudanças no processo de ensino-aprendizagem, dentre as quais, Finger-Kratochvil (2009) cita a importância de um aprendiz estratégico e a necessidade de um ensino dedicado às habilidades velhas e novas do letramento. A autora considera que.

Ensinar alguém a ser estratégico, ou seja, ser capaz de auto-regular sua aprendizagem de acordo com as necessidades que se põem durante o processo, é alvo fundamental do processo educacional em qualquer grau ou estágio da aprendizagem. São as habilidades do ser estratégico que permitirão e propiciarão a continuidade do desenvolvimento do aprendiz. Isso tem um valor todo especial quando o assunto é letramento e, de forma mais específica, leitura, pois o desenvolvimento de capacidades e habilidades é processo contínuo. (FINGER-KRATOCHVIL, 2009, p. 215).

Esta perspectiva de formar o aprendiz estratégico é fundamental para

atuação no mercado de trabalho contemporâneo, uma vez que o letramento possibilita que o processo de aprendizagem seja contínuo, considerando-se que as capacidades de leitura e escrita serão exercitadas em situações diversas, seja em casa, no convívio social e até mesmo no trabalho.

Para Finger-Kratochvil (2009) o mercado de trabalho está passando por transformações, e o contexto social estimula mudanças das TIC e conseqüentemente do letramento que vivenciamos. Como os espaços de trabalho atuam com a informação, seu acesso e habilidade para utilizá-la para resolver problemas na atual economia globalizada é fundamental. É neste sentido, e pensando em formar trabalhadores capacitados para atuar no mercado de trabalho que se observa “a mobilização de vários governos mundo afora para preparar seus jovens, desde a infância, para o domínio do letramento na era da informação.” (FINGER-KRATOCHVIL, 2009, p. 211).

Conforme Pereira (s.n.t.), “na e para a nova geração é imprescindível letrar, já que novos tempos pedem novas práticas. O letramento sugere nada mais que cada um se assume como sujeito de sua própria história, e o domínio pleno do(s) discurso(s) pode ser o primeiro e, talvez, mais eficaz caminho para isso.”

Para tanto é preciso que a educação, através de suas instituições escolares, seja capaz de oferecer uma formação que possibilite o letramento, inclusive o letramento digital, a fim de que os trabalhadores possam ser capazes de atuar no mercado de trabalho de forma mais eficiente, e que, mesmo se subordinando as condições de exploração a que estão submetidos, tenham consciência de que na sociedade capitalista elas existem e desta forma possam contribuir para a construção de uma sociedade cada vez melhor.

A este respeito, Maciel e Lúcio (2009), apresentam a perspectiva de que alfabetizar e letrar é uma proposta de ordem política. As autoras afirmam que “É possível considerar possíveis consequências políticas da inserção do aprendiz no mundo da escrita. Essa inserção favoreceria uma leitura crítica das relações sociais e econômicas (re)produzidas em nossa sociedade.” (p. 15). Ou seja, o letramento possibilita a formação de indivíduos realmente críticos, capazes de compreender a realidade em que vivem.

Talvez este seja um dos motivos que implicitamente influenciam as práticas de alfabetização que vem se efetivando na história de nosso país, e que infelizmente não privilegiam o

letramento, pois este pode vir a se constituir em uma arma contra o sistema político, econômico e social que se instaurou no Brasil. Uma vez que, se os trabalhadores forem realmente letrados poderão compreender a relação de exploração a que estão submetidos, saberão reivindicar os seus direitos e assim serão capazes de modificar a sociedade em que vivem, pois se perceberão enquanto construtores de sua própria história.

Assim, podemos considerar que a formação oferecida aos trabalhadores que se inicia com a alfabetização, a qual não tem como foco o letramento, privilegiando apenas o processo de codificação e decodificação, não proporciona aos indivíduos uma formação crítica e que lhes possibilite a compreensão dos diferentes textos utilizados nas mais diversas situações sociais, dentre as quais as que ocorrem no âmbito do mercado de trabalho. Sendo necessária uma formação de pessoas letradas que sejam capazes de atuar criticamente compreendendo os diferentes tipos de textos existentes e dos quais se faz o uso na sociedade, e que servirão para uma melhor atuação destas no mercado de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada para produção deste texto objetivou compreender a importância do letramento para a formação do trabalhador contemporâneo, para tanto se buscou conhecer o conceito de letramento, compreender as diferenças entre este e a alfabetização, saber o que é letramento digital, e identificar as contribuições do letramento para atuação no mercado de trabalho.

Para realizar esta pesquisa partiu-se do pressuposto de que, para formação do trabalhador polivalente demandado pelo mercado de trabalho contemporâneo é necessário que seja dada ênfase a práticas de letramento. Através da pesquisa realizada foi possível verificar que este pressuposto se aplica à realidade atual, uma vez que diante das transformações pelas quais vem

passando o mercado de trabalho com a reestruturação produtiva e, mediante a revolução tecnológica e informacional vividas nas últimas décadas, o trabalhador deve ser letrado, inclusive no letramento digital, a fim de que possa atuar de forma crítica em todos os âmbitos de sua vida, incluindo o trabalho. Diante do exposto pode-se inferir que o letramento é de grande importância para que o trabalhador possa atuar de forma satisfatória no mercado de trabalho atual, porque o letramento, e mais ainda na atualidade o letramento digital, se constitui como fundamental para que o trabalhador possa desenvolver suas capacidades relativas ao mundo da escrita, podendo assim compreender e utilizar textos como leitor e escritor autônomo, fazendo uso desta tecnologia, qual seja a escrita, para desenvolver-se enquanto pessoa e enquanto trabalhador.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 12318**, de 26 de agosto de 2010. Dispõe sobre a alienação parental e altera o art. 236 da Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12318.htm acesso em: 04 jan. 2020.

_____. Assembleia Legislativa. *Projeto de Lei do Senado nº 700, de 2007*. Altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente),

para caracterizar o abandono afetivo como ilícito civil e penal e dá outras providências. Disponível em: http://tmp.mpce.mp.br/orgaos/CAOC/C/dirFamilia/projetolei/PL_700-2007.PDF>acesso em: 08 jan. 2020.

FIORELLI, José Osmir; MANGINI, Rosana Cathya Ragazzoni. *Psicologia jurídica*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2012.

SILVA, Denise Maria Perissini da. *Psicologia jurídica no processo civil brasileiro: a interface da psicologia com o*

direito nas questões de família e infância.
3. ed. **Rev., atual. e ampl.** Rio de Janeiro:
Forense, 2016.

SILVA, Liniker Douglas Lopes da;
CHAPADEIRO, Cibele Alves;
ASSUMPCAO, Marina Cunha. O
exercício da parentalidade após a

dissolução conjugal: uma revisão
integrativa. **Pensando fam.**, Porto Alegre,
v. 23, n. 1, p. 105-
120, jun. 2019. Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000100009&lng=pt&nrm=iso>.
Acesso em 07 jan. 2020.